

Pesquisa aplicada em Jornalismo sobre os sonhos: possibilidades e experimentações¹

Marcelo Rodrigo da SILVA²

Luiz Manoel PEREIRA FILHO³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Este resumo apresenta o estado da arte de uma pesquisa aplicada atualmente em desenvolvimento que tem o objetivo de reportar os sonhos dos povos de três etnias indígenas da Paraíba – Tabajaras, Potiguaras e Cariris - por meio de quatro produtos jornalísticos com linguagens e formatos diversos e experimentais: 1) site; 2) documentário; 3) podcast e 4) fotolivro. A pesquisa já produziu conteúdo audiovisual a partir de entrevistas com 10 representantes indígenas. Anseia-se que a proposta investigativa evidencie a urgência de reconhecimento e valorização do saber tradicional ameríndio enquanto ciência epistêmica legítima.

PALAVRAS-CHAVE: sonhos; saber tradicional ameríndio; jornalismo.

INTRODUÇÃO

Não é possível pensar a humanidade sem os sonhos. Os sonhos trazem respostas, reorganizam pensamentos, ajudam a tomar decisões, nos move em direção a utopias, a novos horizontes, faz-nos curiosos. Enquanto sonhamos, revivemos sentimentos, relembramos pessoas, entramos em contato com o desconhecido, nos esbarramos no medo, na morte, em memórias e traumas, criamos, prevemos eventos futuros, revelamos números da sorte e até vivenciamos outros sonhos.

Durante a ascensão nazista na Alemanha, a jornalista Charlotte Beradt, após observar seus próprios sonhos, alguns deles em que ela era perseguida, perguntou-se se era a única a ter tais atividades oníricas. Ela então buscou relatos de pessoas que viviam na Alemanha e conseguiu coletar 300 sonhos, de 1933 a 1939. A partir dos relatos foi possível criar um retrato e um documento sobre a Alemanha nazista e perceber que a realidade da vida em vigília refletia diretamente na vida no sono. Com estes relatos, em 1966, ela lança um livro intitulado *Sonhos no Terceiro Reich*, que serve de referência

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas Contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professor do Curso de Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em jornalismo da UFPB, email: prof.marcelorodrigo@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: filhompluiz@gmail.com

histórica, política e social para se entender o período do nazifascismo na Alemanha. Esta obra serve também a este projeto, como referência jornalística, ao aproximar os sonhos da reportagem da realidade.

Os sonhos são parte da realidade factual. Eles não provêm de outra realidade, que seria então qualificada como ficcional ou virtual. Sonhos são uma experiência real em si mesma. [...] O sonho como um livro ou uma mensagem oracular, pode apresentar-se como um enigma - escrito em língua estrangeira, incompreensível e que precisa de tradução. [...] O real não é individual ou coletivo, psicológico ou sociológico, científico ou religioso, o real é o que é. Mas estamos acostumados demais em pensar o real apenas como os fatos positivos, presentes e atuais. Contra isso, o sonho nos apresenta uma curiosa combinação de fatos futuros e passados imersos em sua situação de perturbação do presente” (Dunker, 2017).

E se a realidade é o objeto produzido, construído, interpretado e reproduzido pelo Jornalismo em seu papel social, conhecer tais fugas e imaginários se mostra uma necessidade real. Por isso, este resumo expandido apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa aplicada em desenvolvimento para cumprimento da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus João Pessoa.

O objetivo da pesquisa é documentar – por meio de diferentes produtos e linguagens jornalísticas – os sonhos de pessoas pertencentes a três etnias indígenas habitantes da Paraíba: os povos Tabajaras, Potiguaras e Cariris. Os sonhos atravessarão as lentes, telas e ouvidos da pesquisa por meio do jornalismo.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto propõe a produção de quatro trabalhos técnicos interligados e seguindo uma lógica de narração transmidiática (Jenkins, 2009): 1) um site contendo conteúdos multimídia e vinculando todos os demais produtos jornalísticos; 2) um documentário com relatos dos indígenas entrevistados; 3) um *podcast* com a participação de pesquisadores como neurocientistas, psicólogos e psiquiatras; e 4) um fotolivro narrando os momentos de interação com as etnias no decorrer da pesquisa aplicada.

Acessar os sonhos de um coletivo é abrir caminhos para o registro da vida em vigília, fora do sono. Todos os dias somos empurrados a menos horas de descanso. O sono, aliado da saúde e, logo, da vida, vem sofrendo com o ritmo acelerado de nossas

jornadas diárias. Se não dormimos, não sonhamos; e se não sonhamos, somos impedidos de experienciar esse estado de projeção de nossas existências. Se o estudo dos sonhos, em algum momento serviu para nossas organizações e decisões políticas, para a gestão do Estado e das famílias, nossa experiência onírica foi engolida pelo capitalismo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na cosmovisão de Kopenawa e Albert (2019), as cidades não permitem com que as pessoas conheçam as coisas do sonho. Estamos cada vez mais distantes da experiência de sonhar. Este trabalho tem como princípio, então, o direito ao sonhar; a criar horizontes para nosso existir e, assim, entender onde pretendemos chegar enquanto coletividade. Em acordo com a filosofia Ubuntu, uma pessoa só é uma pessoa por meio de outras (Louw, 2010). Assim, só poderíamos pensar nossa individualidade enquanto coletividade.

A cosmovisão sobre os sonhos dos povos ameríndios originários aponta sempre um lugar onde se busca conhecimento sobre si e sobre a ancestralidade. Ailton Krenak, líder indígena e parte do povo Krenak, evidencia que:

Todas estas instituições: educação, escola, universidade, elas estão no sonho, na casa do conhecimento. Esse sonho tem um aprendizado para o sonho. E, quando nós sonhamos, nós estamos entrando num outro plano de conhecimento, onde nós trocamos impressões com os nossos ancestrais, não só no sentido de nossos antigos, meus avós, meu bisavô, gerações anteriores, mas com os fundadores do mundo (Krenak, 1992).

Com o papel social de agente de interpretação da realidade, o jornalismo permite a construção de narrativas hipermidiáticas a partir da reportagem dos sonhos. Se eles refletem as experiências vividas, eles se aproximam do jornalismo por ser uma das tantas maneiras de compreendê-las. Em sua obra *Hipermediaciones*, Carlos Scolari (2008) caracteriza a narrativa da hipermídia como:

[...] a soma de hipertexto e multimídia. A dimensão interativa está presente no próprio conceito de hipertexto - para navegar, é preciso interagir - e a digitalização, como já indicamos, é uma propriedade transversal e básica das novas formas de comunicação. Em outras palavras, falar de comunicação digital ou interativa é [...] o mesmo que dizer comunicação hipermídia [tradução nossa] (Scolari, 2008).

Ao se ter contato com os povos indígenas da Paraíba, a partir do ingresso nos projetos de extensão da Universidade Federal da Paraíba, Cinema nas Aldeias Tabajara e

Criação e Manutenção de Sites com os Povos Tradicionais da Paraíba: Tabajaras e Cariris, foi possível desenvolver uma iniciativa multiplataforma chamada Casa Awá, o que nos levou a conseguir produzir um webdocumentário intitulado Nheengatu, que aborda o sonho de retomada da língua tupi pelos Tabajara, e dois episódios do *podcast* Mídia Awá sobre a Educação e a Arte na entogênese do povo.

PRIMEIROS RESULTADOS

Este primeiro contato com o povo Tabajara da Paraíba, nos levou a pensar o Jornalismo como um instrumento decolonial. Por muito tempo, a instituição Jornalismo tem sido utilizada como ferramenta da colonização de corpos e mentes. As palavras escritas, reproduzidas e publicadas no jornalismo sobre os povos indígenas estão hegemonicamente em um lugar de coisificação, de outrificação, principalmente se voltarmos nossos olhos e ouvidos para a mídia brasileira.

Diante desses encontros com o saber tradicional e desencontros com uma mídia racista e anti-indígena, decidimos trabalhar com um Jornalismo que se versa contra o Sistema-branco-capitalista-colonial-patriarcal-racista. Atualmente, diversas iniciativas se colocam neste espaço que por muito tempo não existia em nossa atuação, a Mídia Indígena, a Rede Wayuri, entre outras.

Assim, ao desenvolvermos um trabalho sobre os sonhos dos povos indígenas da Paraíba, atualizamos e repensamos os critérios não só de objetividade e noticiabilidade do Jornalismo, mas também aproximamos o imaginário e os próprios sonhos ao objeto de trabalho da área jornalística que é a realidade.

Até a produção deste resumo expandido, entrevistamos 10 indígenas das etnias Tabajara, Potiguara e Cariri. E, a partir de suas falas, foi possível compreender elementos simbólicos diferentes e outros semelhantes entre as diferentes cosmogonias, um desejo latente pela organização harmônica e política dos povos, pela demarcação e homologação de suas terras e um caráter coletivo na luta e no vislumbre de novos possíveis horizontes para as futuras gerações.

A aproximação que cada geração tem com os sonhos é outro aspecto importante. Os mais velhos seguem com sonhos que se ligam ao afastamento e violências contra suas origens e o desejo pelas novas gerações; os adultos se colocam no lugar da luta e na orientação de suas decisões; e os mais jovens, conhecem por meio da comunicação de

seus sonhos com os parentes os significados desconhecidos no mundo onírico. Todo conteúdo está em fase de edição e deve ser concluído até a primeira quinzena de maio de 2024.

CONCLUSÃO

A intensão deste resumo é provocar o campo do Jornalismo para tensionamentos que envolvem a necessidade transformação dos modelos científicos tradicionais calcificados nas universidades públicas e que por muitos anos ignoraram saberes tradicionais como os dos povos ameríndios. É preciso reconhecer como ciência e conhecimento legítimo o saber subjetivo. Como discute Viveiros de Castro (2017), em oposição a uma epistemologia objetivista segundo a qual conhecer é objetivar ele apresenta a personificação ou subjetivação xamânica. O autor observa que o xamanismo ameríndio parece guiado pelo ideal de que conhecer é personificar, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido – daquilo, ou, antes, daquele; pois o conhecimento xamânico visa um “algo” que é um “alguém”, um outro sujeito ou agente. A forma do Outro é a pessoa.

Espera-se que a pesquisa e os produtos desenvolvidos estimulem a percepção das pessoas sobre o saber do Outro, sobre o saber tradicional dos povos indígenas da Paraíba, sobre o que ainda permite nos conectarmos como humanos por meio de uma ciência dos sonhos.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. **Le récit de vie**. 4. ed. Paris: Armand Colin, 2016.

DUNKER, Christian. Apresentação. In: BEREDT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

FRASCARA, Jorge. **Diseño gráfico para la gente**. 4. ed. Buenos Aires: Infinito, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In.: NOVAES, Aduino (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Companhia das Letras, 2019.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami**. Ubu Editora, 2022.

LOUW, Dirk. **Ser por meio dos outros: o Ubuntu como cuidado e partilha**. [Entrevista concedida a] Moisés Sbardelott. IHU Online, São Leopoldo, n. 353, p. 5-7, 6 dez. 2010.

MEDINA, Cremilda de Araujo. **Entrevista: o dialogo possível**. São Paulo: Ática, 2011.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. Editora Companhia das Letras, 2019.

ROVIDA, Mara Ferreira. **Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia**. *Líbero*. São Paulo, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun. de 2015.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.